

Usos do Ceticismo no Nascimento da Ciência Moderna por Gassendi

Pierre Gassendi (1592-1655), ator da revolução científica do século XVII, é mais conhecido como o autor das *Quintas Objeções às Meditações de Descartes*. Contrariamente a Galileu, Boyle, Pascal e Newton, Gassendi não legou uma contribuição significativa na física moderna e, contrariamente a Descartes, não propôs uma ruptura radical com a tradição filosófica. Entretanto, Gassendi contribuiu enormemente tanto negativamente como positivamente no surgimento da ciência moderna. Negativamente, ao apresentar uma das críticas mais contundentes no período à ciência aristotélica. Positivamente, ao redefinir a concepção de ciência que substituiu a escolástica e ao reviver e divulgar a teoria corpuscular ou mecânica que foi, como se sabe, uma das grandes alavancas da revolução científica.² Positivamente mais uma vez por ter sido um grande defensor do método empírico e experimental na nova ciência. A obra de Gassendi é hoje reconhecida como uma das principais fontes do empirismo inglês.³

Além da importância de Gassendi, outra revelação da historiografia contemporânea a propósito do nascimento da ciência moderna é a importância do ceticismo nas transformações que ocorreram no período. A importância do filósofo francês e da filosofia helenística estão intimamente ligadas pois foi Gassendi o principal divulgador do ceticismo antigo na primeira metade do século XVII e quem mais associou esta filosofia antiga

1 Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais.

2 Sobre o atomismo de Gassendi, ver Bloch, Olivier R., *La Philosophie de Gassendi. Nominalisme, matérialisme et métaphysique*, Dordrecht: Martinus Nijhoff (Kluwer), 1971 e Joy, Lynn S., *Gassendi the Atomist: Advocate of History in an Age of Science*, Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

3 Ver Lennon, Thomas M., *The Battle of the Gods and Giants: The Legacies of Descartes and Gassendi, 1655-1715*. Princeton: Princeton U. Press, 1993.

à ciência moderna.⁴ Proponho aqui indicar as utilizações que Gassendi faz do ceticismo antigo. Num primeiro momento, em sua primeira obra de vulto, coloca o ceticismo antigo contra os seguidores escolásticos de Aristóteles e contra a sua concepção de ciência. Num segundo momento, em sua obra mais conhecida, reage ao uso cartesiano do ceticismo, no qual a radicalização do ceticismo antigo pretende estabelecer o fundamento de sua própria refutação com o conseqüente estabelecimento de um novo dogmatismo. Finalmente, num terceiro momento e num viés construtivo, Gassendi mitiga o dogmatismo de Epicuro e o ceticismo de Sexto Empírico para propor o atomismo como base não dogmática da nova ciência. Contra uma interpretação corrente que relaciona o ceticismo em Gassendi ao movimento heterodoxo libertino⁵, mostrarei que uma antropologia e ética cristãs motivam os usos do ceticismo antigo por Gassendi.

1. Contra Aristóteles.

No prefácio ao *Exercitationes Paradoxicae adversus Aristoteleos* (*Exercícios paradoxais contra os aristotélicos*), Gassendi indica que sua obra teria 7 livros. Estes livros refutariam as diversas disciplinas da filosofia aristotélica, em particular a física, a metafísica, a ética, e a lógica. Em 1624 foi publicado o primeiro livro que argumenta contra a maneira de filosofar dos aristotélicos que, segundo Gassendi, é inconsciente com a liberdade filosófica, e indica “omissões, passagens supérfluas, erros e contradições no corpo dos textos geralmente atribuídos a Aristóteles”.⁶ Gassendi retoma o ideal do ceticismo acadêmico de integridade e liberdade intelectual voltando-o contra a servidão do juízo à autoridade aristotélica. Retomando de certa forma o projeto do reformador universitário do século XVI Petrus Ramus e de seus associados⁷, o ceticismo neste livro é sobretudo o Acadê-

4 Ver Gregory, Tulio. *Scetticismo ed empirismo. Studio su Gassendi*, Bari: Laterza, 1961; Popkin, Richard H., *The History of Scepticism from Erasmus to Spinoza*, Berkeley and Los Angeles: The University of California Press, 1979, pp. 141-150 e Paganini, Gian. *Scepsi Moderna*, Cosenza: Busento, 1991, pp. 37-41 e 53-59.

5 Pintard, René. *La Libertinage érudit dans la première moitié du XVIIe. siècle*. Paris: Boivin, 1943.

6 Gassendi, Pierre. *Selections*. Tr. e ed. por Craig Brushh. New York & London: Jonhson Reprint Corporation, 1972, p. 24.

7 Ver Schmitt, Charles B.. *Cicero Scepticus*. Dordrecht: Matinus Nijhoof (Kluwer), 1972, pp. 78-108.

mico tal como preservado por Cícero. Os diálogos ciceronianos, em que filósofos de diferentes escolas apresentam suas posições sendo sucessivamente criticados por um cético Acadêmico, constituíram o modelo pedagógico alternativo aos comentários de Aristóteles estudados nas escolas. Com efeito, a virada cética da Academia operada por Arcésilas se inspira na posição socrática de exame racional de toda questão em contraposição à mera aceitação de opiniões estabelecidas. Gassendi recheia seu primeiro livro com citações de Cícero elogiando a liberdade de juízo que só é plenamente mantida quando nenhum assentimento é dado à qualquer verdade essencial, seguindo-se livremente as aparências variáveis: “somos livres porque mantemos a integridade do nosso juízo, pois nenhuma necessidade nos constrange a manter nada do que nos é prescrito e imposto” (*Academia*, II. 3): “Nós vivemos o dia a dia; exprimimos como verossímel qualquer idéia que nos apareça. Somos assim os únicos homens livres” (*Tusculanas*, V. 10).⁸

A reação do *establishment* filosófico ao primeiro livro das *Exercitationes* foi tão negativa que Gassendi sustou a publicação dos demais. Quando, após sua morte, em 1658, foram publicadas as suas obras completas, apareceu o segundo livro das *Exercitationes* sobre a lógica aristotélica (os demais livros planejados provavelmente não foram jamais escritos). No primeiro exercício, Gassendi argumenta a inutilidade da lógica aristotélica pois é incapaz de descobrir novos conhecimentos. No segundo, Gassendi defende uma posição nominalista a propósito da questão dos universais: os gêneros e espécies de Aristóteles são reduzidos a meros nomes, pois tudo que existe é individual e único. No terceiro exercício, Gassendi argumenta que o enquadramento da realidade em precisamente dez categorias é arbitrário. A postulação de verdades eternas é mostrada, no quarto exercício, ser filosófica e teologicamente equívoca. O quinto, levanta uma série de objeções à ciência aristotélica, entre as quais a de que conhecer a diferença específica de algo pressupõe um conhecimento perfeito de todas as demais coisas do universo (*Exercitationes*, II. V. 4), e o problema da indução: proposições universais são sem fundamento devido a impossibilidade de se examinar todos os casos individuais (*Exercitationes*, II, V. 4).

Como mostra Popkin, diversas destas objeções, em particular as levan-

⁸ Gassendi, Pierre. *Exercitationes Paradoxicæ adversus Aristoteleos*. (Dissertation en forme de Paradoxe contre les Aristotéleciens). Paris: J. Vrin, 1959, I, II. 7-8, pp. 58-60.

tadas no quinto exercício, são diretamente inspiradas em Sexto Empírico,⁹ mas é no sexto exercício, onde Gassendi trata do que considera ser o “ponto principal” do seu livro, a saber, “que o conhecimento humano é frágil e incerto, e que os fundamentos do pirronismo são confirmados”,¹⁰ que Sexto Empírico é mais exaustivamente e fundamentalmente utilizado.

Gassendi utiliza os tropos de Enesidemo contra a pretensão aristotélica de conhecer a natureza íntima das coisas. Aristóteles admite que nada pode estar no intelecto que não tenha estado antes nos sentidos. Mas sentidos de qual espécie e em quais condições? Os tropos de Enesidemo mostram amplamente que as mesmas coisas são percebidas diferentemente por diferentes espécies, por diferentes homens, por homens em diferentes condições e por diferentes órgãos perceptivos de um mesmo homem. É extraordinária arrogância dos aristotélicos pretender que são suas percepções - e não as de outros filósofos, ou as de outros homens em diferentes condições, ou as de outras espécies animais - que conduzem ao conhecimento da natureza essencial das coisas. A ciência aristotélica que pretende “um conhecimento certo e evidente, [que] afirma de uma maneira infalível e certa que uma coisa seja por natureza e nela mesma e em virtude de causas profundas, necessárias e infalíveis, constituídas de tal maneira” é portanto impossível (*Exercitationes*, II. VI. 1, 192b). Nossa congnição das coisas é necessariamente mediada e restrita pela contingência e fragilidade de nossa humanidade.

O ceticismo gassendista não é, entretanto, somente negativo. Os mesmos argumentos contra a possibilidade de uma ciência absoluta do tipo aristotélica apontam para uma *nova ciência* que irá justamente descrever a variedade de aparências indicadas nos tropos.¹¹ “Logo, sobre o real,” diz Gassendi, “que poder-se-á dizer, senão que em tais circunstâncias se produzem tais aparências e outras aparências em outras circunstâncias, mas sobre o que seriam as coisas nelas mesmas há dúvida” (*Exercitationes*, II. V l. 5, 201b). Esta nova ciência não almeja o conhecimento da natureza das coisas independentemente de como aparecem. Restringindo-se ao que é empírico, suas formulações apoiam-se em evidências e conjecturas que são apenas prováveis. “As condições de uma ciência existem”, diz Gassen-

9 Popkin, Richard H.. *Op.cit.*, p. 101.

10 Gassendi, Pierre. *Selections*, p. 24.

11 Este ponto foi indicado por Richard H. Popkin, *op.cit.*, pp. 101 e 141-150.

di, "mas de uma ciência experimental e, se posso dizer, fundada sobre as aparências" (*Exercitationes*, II, VI. 7, 201a).

O abandono da concepção de ciência aristotélica como conhecimento certo é justificado pelo compromisso - característico dos céticos antigos - com a integridade intelectual. Tem maior amor pela verdade quem não quer ser enganado e prefere a suspensão do juízo no que concerne a coisa em si ou um falibilismo no que concerne as aparências do que quem toma precipitadamente como verdadeiro o que pode ser falso. (*Exercitationes*, II. VI. 6, 206b). Além disto, uma ciência de essências independente do que aparece ao homem, isto é, uma ciência *sub specie aeternitas*, é possível somente "à natureza angélica e mesmo divina, e não convém à simples humanidade" (*Exercitationes*, II.VI.7, 207a). A crítica epistêmica de Gassendi à ciência aristotélica tanto justifica como se apóia numa crítica normativa fundamentada numa antropologia cristã.¹²

2. Contra Descartes

Gassendi diz ter feito suas objeções às *Meditações* de Descartes imbuído de um espírito construtivo. Estas foram solicitadas a Gassendi e outros pelo editor das *Meditações* e amigo comum de Descartes e Gassendi, Marin Mersenne. Tendo ficado chocado com a violência da resposta de Descartes, escreveu uma tréplica em forma de instâncias que publicou em 1644, juntamente com as objeções originais e as respostas de Descartes às mesmas, no livro *Disquisitio metaphysica seu dubitationes et instantiae adversus Renati Cartesi metaphysicam et responsa* (investigações metafísicas ou dúvidas e instâncias contra a metafísica de Descartes e suas respostas).¹³ As Quintas são as mais longas e detalhadas das 6 objeções às *Meditações*. Formam com as instâncias um arsenal de críticas que contestam praticamente todas as afirmações filosoficamente relevantes feitas por Descartes nas *Meditações*. Como procedi no caso das *Exercitationes*, focalizarei as passagens que envolvem os céticos antigos.¹⁴

12 Este é um dos pontos centrais da influência de Gassendi sobre Locke.

13 Tradução e edição de Bernard Rochot. Paris: J.Vrin, 1962.

14 Sobre as críticas mais gerais de Gassendi a Descartes, ver Olivier Bloch, "Gassendi critique de Descartes", *Revue Philosophique*, vol. 156, 1966, pp. 21-236; Popkin, Richard H., *op.cit.*, pp. 200-202; e Paganini, Gianni, *op. cit.*, pp. 99ff.

Significativamente, e, à primeira vista, paradoxalmente, o grande *expert* no ceticismo antigo da época não menciona esta escola em sua dúvida única sobre a 1ª Meditação, nem nas diversas instâncias que acrescenta em resposta à réplica de Descartes. Gassendi censura Descartes por tomar como falso o que é apenas duvidoso e por lançar mão dos mega-argumentos do sonho, do Deus enganador e do gênio maligno. Uma alusão implícita aos céticos antigos transparece quando Gassendi diz ser a dúvida cartesiana exagerada (não há necessidade de se invocar um Deus enganador para se livrar dos preconceitos através da dúvida), artificiosa (baseada em suposições absurdas como a de um Deus enganador e portanto dependendo de um ato da vontade e não de argumentos persuasivos) e desviada da “via tradicional”. (*Disquisitio*, 278a e 281a). Os céticos antigos, com efeito, jamais consideraram como falso o que duvidavam, pois isto seria dogmatizar. Jamais conceberam mega-argumentos que colocam de uma vez em dúvida a totalidade da experiência. (O sonho e até ilusões causadas por uma divindade aparecem como ilustrações do 4º tropo de Enesidemo, respectivamente em *PH I*. 104 e 101, mas não colocam em dúvida a existência do mundo exterior à mente). Finalmente, os céticos antigos jamais se valeram de um ato da vontade para instaurarem a dúvida. Ao contrário, costumavam insistir (por exemplo em *PH I*. 26) que a suspensão do juízo lhes era forçada pela equípolência das posições em conflito. A ausência de referência aos céticos antigos no comentário de Gassendi à Primeira Meditação parece ter um sentido precioso: a dúvida cartesiana nada tem a ver com a cética.

O principal motivo da insatisfação de Gassendi com a dúvida cartesiana aparece nas passagens em que os céticos antigos são explicitamente mencionados. Esta menção é inicialmente feita por Descartes. Em resposta à primeira dúvida de Gassendi a respeito da segunda Meditação (a saber, que a dúvida hiperbólica não é necessária para estabelecer o *cogito*), Descartes fala da necessidade de se separar a investigação científica da vida prática: a dúvida só é exercida na teoria, caso contrário se cairia no ridículo dos céticos antigos “que negligenciavam as coisas humanas a ponto dos seus amigos terem de cuidar para que não caíssem em precipícios” (*Disquisitio*, 285a).¹⁵ A segunda menção aos céticos antigos ocorre a pro-

15 Descartes provavelmente se refere a lendas sobre a conduta de Pirro citadas por Diógenes Laércio.

pósito de uma objeção de Gassendi à Quinta Meditação. Gassendi diz não ser necessário saber que Deus existe e que não é enganador para se ter certeza dos enunciados da geometria e da matemática. Descartes cita os céticos como exemplo dos que duvidaram destas verdades, atribuindo esta dúvida ao desconhecimento que tinham da existência de Deus. (*Disquisitio*, 383b-384a).

Gassendi contesta que os céticos antigos negligenciavam as coisas da vida como que duvidavam das verdades geométricas. É, ao contrário, a dúvida exagerada cartesiana - e de forma alguma a dos céticos antigos - que atinge até as verdades matemáticas e que inviabilizaria a vida caso não fosse mantida rigorosamente confinada no gabinete do filósofo. Os céticos antigos colocavam em dúvida “as naturezas e as causas ditas internas e primeiras, assim como as propriedades das coisas mesmas” mas jamais os “fenômenos, as coisas que aparecem aos nossos sentidos, como são o calor do fogo, a doçura do mel e as demais aparências” (*Disquisitio*, 286b). Mas “você”, Descartes, diz Gassendi, “age de maneira completamente diferente pois você não admite as aparências que se apresentam aos sentidos, considerando-as como incertas e falsas”. Descartes assim, num procedimento inverso ao dos céticos antigos, duvida do aparente e dá o seu assentimento ao não-aparente, pois afirma como certas “opiniões relativas à natureza íntima das coisas” (*Disquisitio*, 286b). Em resposta à segunda referência de Descartes aos céticos antigos, Gassendi observa que estes “incluíam entre as aparências tudo que se prova por demonstração geométrica, de maneira que eles não tinham nenhuma dúvida sobre estas coisas” (*Disquisitio*, 384a). O ceticismo não se volta contra a geometria em si, mas contra uma sua interpretação metafísica, a saber, a doutrina de que as propriedades básicas do mundo são geométricas.

A observação de Gassendi de que duvidar das aparências sensíveis não é um procedimento cético se articula à linha geral de sua crítica a Descartes. Gassendi percebe, já na Primeira Meditação, que a dúvida cartesiana visa a superação de toda dúvida com a fundação de uma ciência provida de certeza metafísica, através da introdução de um sujeito não-corporal essencialmente pensante em substituição da sensibilidade como base do conhecimento. O ceticismo é somente um instrumento que Descartes utiliza para erradicar toda crença que tenha fundamento sensível. Mas este uso do ceticismo para a eliminação da base sensível do conhecimento, bem como esta eliminação mesma, parecem impensáveis no contexto do ceticismo antigo. As aparências incorrigíveis que os céticos acatam, por

exemplo, não são cogitações de um sujeito não-extenso, mas afecções que não podem prescindir do corpo. Para Gassendi, é somente no interior do quadro de uma epistemologia sensualista empírica que o ceticismo pode genuinamente ser exercido. Este quadro delinea — e o ceticismo genuíno atesta — os limites impostos ao conhecimento pela natureza frágil e falível — mas insuperável — do corpo humano.

Esta questão crucial permeia várias das objeções de Gassendi a Descartes, por exemplo, a propósito do pedaço de cera da Segunda Meditação. A natureza do substrato das qualidades que se modificam quando se aproxima o pedaço de cera ao fogo (a essência real do pedaço de cera, como dirá pouco depois Locke) nos é desconhecida. Só Deus e talvez as naturezas angélicas podem conhecê-lo. Gassendi, que freqüentemente refere-se à Descartes como “espírito” e “alma”, diz ser “próprio de uma alma incapaz de moderar seus desejos e ignorante de sua condição” querer conhecer a natureza essencial das coisas independente de como aparecem para homens dotados de órgãos precários de percepção. (*Disquisitio*, 312b). “E qual seria então a diferença entre Deus e o homem”, indaga Gassendi, “se o homem tivesse conhecimento de tudo que se encontra na obra mesma de Deus?” (*Disquisitio*, 312b). É como se Descartes tivesse concordado com a crítica de Gassendi a Aristóteles: não há como refutar o ceticismo se a origem do conhecimento é sensível. Mas como Descartes mantém o ideal de *scientia* aristotélica, trata de fazer um uso hiperbólico do ceticismo para eliminar a base sensível em que o ceticismo se desenvolve e assim obter um conhecimento indubitável que Aristóteles não pode estabelecer. Gassendi denuncia então a pretensão cartesiana como denunciou a aristotélica. O uso adequado — tanto no sentido histórico, como filosófico e sobretudo teológico — do ceticismo antigo é o de mostrar os limites, demarcados pelo fenômeno, do conhecimento humano.

3. Pro Epicuro

A principal obra em que Gassendi apresenta sua posição filosófica e científica positiva é o *Syntagma Philosophicum (Sistema de Filosofia)* também publicado postumamente em 1658. Na primeira parte, sobre a Lógica, Gassendi torna a expor detalhadamente os tropos e demais argumentos dos céticos contra a existência de um critério de verdade. O ceticismo elimina o dogmatismo mas Gassendi busca um conhecimento compatível

com a rejeição do dogmatismo do tipo aristotélico e cartesiano que respeite os limites impostos pela condição humana. Gassendi propõe uma “via media” entre dogmatismo e ceticismo: “uma vez que os dogmáticos de fato desconhecem a maior parte do que alegam conhecer, devemos nos dar por felizes se na física atingimos não o que é verdadeiro mas o que é provável. Dada a condição de incapacidade em que nos encontramos devemos nos dar por satisfeitos se pudermos alcançar um ponto de onde possamos vislumbrar não a verdade mesma (o seu corpo, por assim dizer) mas sua imagem ou mesmo sombra”.¹⁶ Assim, embora os tropos indiquem que não se pode afirmar de forma definitiva o que uma coisa é de acordo com a sua natureza, “pode-se dizer o que ela contém que a torna capaz de aparecer de uma determinada forma em relação a uma coisa e de uma forma diferente em relação a outra”.¹⁷ O que explica a diversidade de aparências das coisas são átomos. Os corpos macroscópicos se modificam quando as configurações dos átomos que os compõem se alteram por causa de interações mecânicas com outros corpos. A adoção do atomismo de Epicuro representa uma ruptura com a posição cética defendida no *Exercitationes* e no *Disquisitio* de que não temos acesso ao não-evidente. Com efeito, Gassendi examina a semiótica de Sexto, argumentando pela validade dos signos comemorativos. Cita como exemplo o argumento do Epicuro da existência do vácuo (não-evidente) pela do movimento (evidente).¹⁸

O caráter mitigado e construtivo do ceticismo de Gassendi aparece mais claramente na parte do *Syntagma* sobre a Física. A adoção do atomismo de Epicuro é duplamente qualificada. Em primeiro lugar, Epicuro atribui aos átomos propriedades que estes não possuem (*impetus* e eternidade).¹⁹ Epicuro é portanto tão falível quanto qualquer outro filósofo. E em contraposição à falibilidade do conhecimento meramente humano está a certeza da revelação divina: Deus criou a matéria *ex-nihilo* e é a fonte última do movimento dos átomos. Em segundo lugar, e mais importante, a justificação do atomismo não é demonstrativa mas pragmática. O atomismo é adotado não por ser verdadeiro mas por oferecer uma explicação mais plausível e satisfatória do que as rivais (sobretudo a de Aristóteles)

16 Gassendi, Pierre. *Selections*. Ed. e tr. por Craig Brush. New York e London: Johnson Reprint Corporation, 1972, I.11.5 pp. 326-327.

17 Gassendi, Pierre, *op.cit.*, I.11.5, pp. 341-342.

18 *Idem ibidem*, I. II. 5., p. 338.

19 *Idem ibidem*, I. 8., pp. 398ff.

dos fenômenos naturais.²⁰ A doutrina atomista é adotada portanto não como a descrição verdadeira da natureza oculta das coisas mas como uma hipótese capaz de dar uma explicação plausível dos fenômenos. Estas duas qualificações indicam dois aspectos centrais da cristianização do epicurismo operada por Gassendi. Não só ficam eliminadas doutrinas claramente incompatíveis com a escritura, como também retira-se da filosofia pretensões incompatíveis com uma antropologia cristã. Esta antropologia, que coloca limites estritos no conhecimento humano, faz-se presente no fundo das críticas de Gassendi a Aristóteles e a Descartes.

A concepção gassendista de ciência é mais próxima da concepção atual predominante de ciência do que a aristotélica e mesmo do que a cartesiana e a lockeana. Enquanto que todas estas concepções de ciência parecem incompatíveis com o ceticismo antigo, é possível que a concepção gassendista não o seja. A questão é controversa dependendo, sobretudo, de como se interpreta o escopo da dúvida pirrônica. Seja como for, como bem o mostrou Richard Popkin,²¹ trata-se da concepção de ciência moderna que mais plenamente absorveu a *crise pyrrhonienne* do início do século XVII.

20 *Idem ibidem*, I, 8, p. 399.

21 Popkin, Richard H., *op.cit.*, pp. 145-46.